Sobre *Os afogados e os sobreviventes*

ABRÃO SLAVUTZKY

Psicanalista e escritor

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990 [1986].

UM AMIGO CONTOU QUE NÃO ESTAVA MAIS LENDO SOBRE A SHOÁ. EM GERAL É ASSIM, HÁ épocas em que se lê e outras em que se deseja esquecer as histórias tristes e pesadas que o povo judeu passou durante o nazismo. Ora nos sentimos com o dever da memória, ora não queremos mais saber desse dever (SLAVUTZKY, 2003). É difícil manter o interesse por uma das maiores tragédias da História, logo queremos saber e também não queremos. Como Primo Levi escreveu em *Os afogados e os sobreviventes*, “se pudéssemos sofrer os sofrimentos de todos, não poderíamos viver” (LEVI, 1990). Entretanto, nos últimos anos aumentaram os museus sobre os campos de extermínio, bem como surgiram novos livros e filmes. A *Shoá* segue desafiando o conhecimento, e sempre surgem novas informações, novos ângulos sobre o enigma da crueldade.

Ao reler o último livro de Primo Levi, escrito em 1986, um ano antes de sua morte, descobri novas histórias que haviam passado despercebidas numa primeira leitura. A que chamou mais minha atenção foi a do presidente judeu do Gueto de Lodz, Chaim Rumkowski. A questão proposta pelo escritor para analisá-lo é a da ambiguidade humana, que define como um tema fundamental. O estudo desse líder é uma das provas de como o autor consegue perceber o ser humano e suas contradições. Tudo começou porque ele encontrou no chão de Auschwitz uma moeda com o escudo de David, datada de 1943; era uma moeda interna do Gueto de Lodz. Guardou-a e, em 1974, pôde reconstruir uma intrigante história.

Lodz, cidade polonesa, tinha 750 mil habitantes quando começou a Segunda Guerra Mundial e era uma cidade industrial, moderna e feia. Pouco tempo depois da ocupação alemã, os nazistas e os poloneses trataram de construir um gueto judeu, o que ocorreu em fevereiro de 1940. Havia inicialmente 160 mil judeus, o segundo em tamanho, pois o primeiro foi o Gueto de Varsóvia. Foi liderado por Chaim Rumkowski, um pequeno industrial falido, conhecido como homem enérgico, inculto e autoritário, e diretor de obras filantrópicas. Não se sabe como foi escolhido pelos alemães para ser o presidente, mas logo teve um reconhecimento social, estando acima dos judeus em geral, pois tinha direitos e privilégios e amava ter autoridade sobre os demais.

Os quatro anos em que foi ditador do gueto viveu um sonho megalomaniaco, mas também com uma real capacidade diplomática e organizacional. Recebeu dos alemães a autorização de cunhar moedas e dinheiro papel, que eram pagos aos operários judeus para comprarem suas magras rações nos armazéns. Rumkowski ambicionava não só obediência, mas ser amado e para isso usava os artistas e artesãos, que criaram selos com sua efígie, sua

barba e cabelos resplandecentes. Também percorria as ruas de seu pequeno reino, entupidas de mendigos, num cavalo esquelético. Tinha até um manto real e uma corte de aduladores e sicários; poetas e músicos, sob suas ordens, que compuseram hinos celebrando suas obras. As crianças nas escolas, já esqueléticas pela fome e desnutrição, eram obrigadas a louvar o amado e sagaz líder. Tinha uma polícia eficiente para manter a ordem, para protegê-lo e impor a disciplina. Adorava pronunciar discursos no estilo da técnica oratória de Mussolini e Hitler, mostrando-se impotente diante os de cima e onipotente diante os de baixo. Para Levi, ele se sentia um messias, um salvador de seu povo, um chefe que lutava para evitar o pior, à semelhança de todos os outros líderes judeus dos guetos. Levou a sério sua autoridade e quando a Gestapo se apoderou de seus conselheiros ele correu em defesa destes sendo humilhado e motivo de zombarias.

Lodz, como os outros guetos, tinha núcleos de resistência política de raiz sionista, comunista, socialista e do Bund, que foram reprimidos pela polícia liderada por Chaim Rumkowski. Este ficava indignado com os judeus que eram rebeldes aos nazistas e a seu governo colaboracionista. Em setembro de 1944, os alemães começaram a liquidar o gueto, enviando o máximo de judeus a Auschwitz; ficaram algumas centenas desmontando o campo, antes da chegada dos russos, e foram esses sobreviventes que relataram a vida no gueto e que serviram de base para Primo Levi escrever. O destino final do presidente judeu é desconhecido, mas tudo indica que morreu nos fornos crematórios como os seis milhões e cento e cinquenta mil judeus.

O mais popular escritor sobre os campos de extermínio formula questões para se pensar. Em sua opinião, Rumkowski não é um homem comum, nem um monstro; a questão é como, ao obter uma pequena fatia de poder, mudou seu comporta-

mento. Ele é só um símbolo de milhares de judeus que colaboraram de diferentes formas com os nazistas. Levi escreve que o poder é como a droga, uma vez iniciado desencadeia uma dependência e necessidade de doses cada vez mais altas. Nasce a recusa da realidade e o retorno dos sonhos infantis de onipotência, transformados em arrogância e desprezo às leis.

O escritor não livra Rumkowski de suas responsabilidades, nem o absolve no plano moral, mas assegura que ele tem atenuantes. Tinha sido corrompido por uma ordem infernal, que foi o nazismo, e nem todos dispunham de tanta envergadura moral para resistir à pressão. Essa história, segue Levi, é a história desagradável e inquietante dos *kapos*, dos funcionários dos *Lager*, dos chefetes que serviram a um regime despótico e criminoso. Em geral justificam-se assim: “Se eu não fizer, um outro pior que eu o fará”. O escritor conclui que todos se espelham no presidente do Gueto de Lodz, feitos de barro e espírito, que sua febre é a da civilização ocidental, que pactua com o poder.

Uma forma de pensar bem mais crítica que a de Primo Levi sobre os líderes judeus dos guetos foi a do historiador do Gueto de Varsóvia, Emmanuel Ringelblum (1964). Nessa mesma linha esteve Hannah Arendt (1999) em seu livro *Eichman em Jerusalém*. Ambos criticam duramente o comportamento da maioria das lideranças judaicas dos guetos, policiais judeus, os *kapos*, por terem sido cúmplices do nazismo; por mais que se pense em suas boas intenções, a verdade é que favoreceram os nazistas. Em contraste com os funcionários judeus dos guetos, houve muitos que se mantiveram dignos até o fim: uns se revoltaram com armas, outros mantiveram suas artes e seu humor na luta por manter a dignidade. E teve também os que rezaram sempre e assim mantiveram a fé e a dignidade.

Os afogados e os sobreviventes foi o último livro

publicado em vida por Primo Levi, onde ele faz um balanço final de sua passagem por Auschwitz. Entre os temas que desenvolve, destaco o capítulo da violência inútil, no qual enfatiza o que é a crueldade, feita de violência, sem outro propósito a não ser fazer o mal ao outro. Esse tema, aliás, é um dos que segue sendo desafiante até hoje e o será sempre, pois o que ocorreu na Segunda Guerra não pôde ser imaginado pelos mais pessimistas pensadores. Não foi por acaso que Theodor Adorno escreveu que não se pode mais escrever poemas depois de Auschwitz (HORKHEIMER; ADORNO, 2002). As últimas quatro páginas do livro, denominadas “Conclusão”, são para serem estudadas e não simplesmente lidas. São chaves para se pensar o que é mesmo o homem, quem é esta humanidade que tanto nos orgulha, por que a crueldade é tão poderosa. Primo Levi não analisa ponto por ponto todas estas questões, mas as destaca, chama a atenção dos leitores. Edgar Morin, em um de seus melhores livros, *Meus demônios*, no qual escreveu uma autobiografia intelectual, reflete no capítulo final sobre as origens da crueldade no mundo (MORIN, 1997). A mesma preocupação teve Jacques Derrida (2001) no fim de sua vida, uma de suas inquietudes que o levou a fazer hipóteses sobre esse enigma ainda mal estudado. Após tudo que ocorreu, é perigoso manter a ingenuidade sobre a humanidade que, ao lado de sua poderosa criatividade, é marcada também por poderosas forças destrutivas.

As observações de Primo Levi são instigantes e originais, o entusiasmo por sua obra segue sendo justificado. Ele seduziu, com suas narrativas, escritores como Saul Bellow, Philip Roth, Italo Calvino, Jorge Semprún e hoje tem leitores por todo o mundo. A morte dele, ocorrida no dia 9 de abril de 1987, produziu um choque na Europa e foi decorrente de uma queda no vão da escada do edifício onde morava. Durante muitos anos, a ideia

de que tinha se suicidado foi dada como certa, mas ele não deixou nada escrito, nem havia uma prova de que desejasse se matar. A família discordou sempre dessa hipótese, afirmando que os medicamentos que ingeria o deixaram tonto e por isso caiu. Anos atrás, sua principal biógrafa, Myriam Anissimov, publicou a mais completa biografia dele, *Primo Levi: tragedy of an optimist* (“Primo Levi: tragédia de um otimista”), no qual conclui que pode ter ocorrido um acidente (ANISSIMOV, 1999). Fica a dúvida sobre sua morte, mas vinte anos após este triste episódio já não há dúvidas que Primo Levi tem seu nome inscrito entre os escritores indispensáveis do século XX.

REFERÊNCIAS

- ANISSIMOV, Myriam. *Primo Levi: tragedy of an optimist*. Woodstock/Nova York: Overlook Hardcover, 1999.
- ARENDR, Hannah. *Eichman em Jerusalém: uma reportagem sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- DERRIDA, Jaques. *Estados-da-alma da psicanálise: o impossível para além da soberana crueldade*. São Paulo: Escuta, 2001
- HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. *Dialectic of enlightenment: philosophical fragments*. Org. Gunzelin Schmid Noerr. Stanford: Stanford University Press, 2002.
- LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- MORIN, Edgar. *Meus demônios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- RINGELBLUM, Emanuel. *Crônica do Ghetto de Varsóvia*. Lisboa: Livraria Moraes, 1964.
- SLAVUTZKY, Abrão. “História do levante do Gueto de Varsóvia” in _____. (coord.). *O dever da memória: o levante do Gueto de Varsóvia*. Porto Alegre: AGE/ Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2003, p. 17-57.